

Trabalho, Sindicato e Trabalhadores: Globalização e Memórias de Operários da empresa Thyssenkrupp Metalúrgica Santa Luzia S/a (1990-2010)

Sérgio Paulo Morais

Universidade Federal de Uberlândia.

moraissp@yahoo.com.br

Apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), tratarei nesta comunicação de dimensões do projeto “Memórias e Globalização: um estudo sobre os trabalhadores da Thyssen-Krupp – Campo Limpo Paulista/SP, Santa Luzia/MG e Ibité/MG (1957-2009)”. Desenvolvido por historiadores do Núcleo de Estudos Culturais: Histórias, Memórias e Perspectivas do Presente (NEC-PUC/SP), do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Cidade e Trabalho (NUPEHCIT, UFU), do Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais ligado ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, a pesquisa foca a empresa ThyssenKrupp, privilegiando a perspectiva dos próprios trabalhadores face à transformação dessa empresa em transnacional.

Desde os anos 1990, a ThyssenKrupp vem redefinindo sua presença no setor industrial metalúrgico a partir da expansão de suas atividades através de fusões e compras de outras empresas do ramo. Tal processo, operado por meio de deslocamentos de plantas produtivas, do fechamento de fábricas e da reconfiguração das relações de trabalho, tem se expressado numa dramática experiência social de migração, redefinição profissional ou desocupação dos antigos operários, associada à formação de novos grupos de trabalhadores recém ocupados pela expansão da empresa, assim como de desenraizamentos e de transformações em seus modos culturais de viver.

A equipe, diferenciando-se de boa parte da literatura produzida a respeito, que se fixa bem mais nas alterações ocorridas nos processos de trabalho do que nos próprios trabalhadores, busca ressaltar as histórias e memórias desses operários de forma a compreender e trazer para o debate algumas das atuais mudanças sentidas e vividas por eles próprios. Centrada, especificamente, nas empresas da Thyssen-Krupp, nas cidades de Campo Limpo Paulista/SP, Santa Luzia/MG e Ibité/MG, no período de 1957 (sua primeira planta) à 2009, reconhece e indaga os trabalhadores na totalidade de sua

experiência social, a contrapelo de outras análises que tem reduzido esses estudos ao universo fabril. Lida, igualmente, com diferentes gerações de trabalhadores, entrevistando antigos e jovens operários, buscando sondar como cada grupo vivenciou e vivencia esse processo de mudanças, as exigências por novas qualificações e habilidades laborais, os novos padrões nas relações de produção, assim como as múltiplas transformações que esse processo opera nas próprias cidades e nos modos de vida locais, onde se instalam.

O trabalho da equipe é fruto de um histórico de cooperação acadêmica destes grupos de pesquisa, reforçada a partir do desenvolvimento, entre 2000 e 2004, por um projeto PROCAD, sob a liderança do NEC-PUC/SP. Desde então, tem enfatizado de modo mais sistemático, estudos e debates sobre a História do Trabalho e dos Trabalhadores, investido nas pesquisas, reflexões e atividades em torno dos temas propostos pelas relações entre história oral e memória.

Em continuidade a esses estudos e reflexões o projeto se desenvolve num duplo movimento: o de reflexão sobre problemáticas vividas pelos trabalhadores nas várias dimensões da vida social na conjuntura de globalização e o de repensar perspectivas e procedimentos de investigação no campo da história social e do trabalho; na lida com a cultura dos trabalhadores, com suas histórias e memórias, o grupo enfatiza a dimensão histórica e política da prática da pesquisa, questionando noções e procedimentos tradicionalmente aceitos que contribuem para a despolitização da mesma. No diálogo com a realidade empírica, na lida com narrativas orais e memórias populares, considerando-as como expressões integrais construídas e reconstruídas como parte de uma consciência contemporânea, traz para o debate as relações de poder que as impregnam, ao tempo em que busca aperfeiçoar esse diálogo no sentido de incorporar com legitimidade experiências e pontos de vista dos sujeitos estudados.

Levando em conta a experiência histórica de trabalhadores em diversas realidades nacionais na conjuntura da globalização, a equipe trabalha em colaboração acadêmica com o Prof. Alessandro Portelli, da Universidade La Sapienza di Roma e do Circolo Gianni Bosio e da Casa della Memoria e della Storia (dos quais o professor Portelli é um dos diretores), na perspectiva de cotejar resultados obtidos no Brasil com investigações em curso acerca da Thyssen-Krupp, em Terni (Itália) e em outros países onde essa pesquisa também ocorre.

Entre as sedes da empresa pesquisada destaco aquelas que se localizam nas cidades Santa Luzia e Ibitaré. Entre elas encontramos circunstâncias distintas que de antemão não demonstram que a chamada globalização não planifica ou iguala relações de trabalho pelo mundo, mas, de maneira diversa, impõe dinâmicas aos trabalhadores e aos pesquisadores que lidam com a temática.

Em Ibitaré: os pesquisadores estão investindo em entrevistas do acervo ThyssenKrupp de narrativas orais, gravadas pelo Museu da Pessoa em comemoração aos 40 anos da empresa.

A ThyssenKrupp Bilstein Brasil Molas e Componentes de Suspensão é conhecida por esta denominação desde outubro de 2006. Ela é o resultado de incorporações e alterações de nomes que remontam a 1967. Nesta data a Hoesch Molas iniciou suas atividades no Brasil produzindo inicialmente feixe de molas e depois molas helicoidais e lâminas de torção. Em 1973, a Hoesch se incorpora a Scripelliti, passando a denominar-se Hoesch Scripelliti Indústria de Molas Ltda. Em 1981, fruto de outra incorporação, denomina-se Estel Hoesch Indústria de Molas Ltda, retornando à denominação de Hoesch Indústria de Molas Ltda em 1982.

Em 1992 a Hoesch incorporou-se ao grupo Krupp Automotive. Com a fusão dos grupos Thyssen e Krupp na Europa, em 2002 passou a ser ThyssenKrupp Molas Ltda. Denominação que foi alterada em 2006 para ThyssenKrupp Bilstein Brasil Ltda.¹ O nome Bilstein vem de uma família alemã que nos anos de 1920 investiu na indústria de acessórios automotivos e esteve ligado a inovação tecnológica em matéria de suspensão, conforto e segurança na condução de veículos. Transformou-se em uma divisão da ThyssenKrupp Technologies em 1988 e em uma subsidiária em 2005.²

São duas as plantas da ThyssenKrupp Bilstein: uma em São Paulo e outra em Minas Gerais. A primeira, na capital paulista, fabrica produtos destinados a ônibus, caminhões e comerciais leves, principalmente feixe de molas parabólicas, barras estabilizadoras pesadas e barras de torção. A segunda está localizada em Ibitaré/MG desde 1999 e produz molas helicoidais e barras estabilizadoras leves para veículos de passeio e comerciais leves.

O projeto do Museu da Pessoa que comemora os 40 anos da ThyssenKrupp Bilstein Brasil toma como referência o ano de 1967 quando a Hoesch Molas iniciou suas atividades no Brasil e não a data de 2002, a da incorporação Thyssen – Krupp. É um

projeto institucional para o qual a empresa contratou o Museu. As entrevistas gravadas neste projeto podem ser divididas em 02 grupos: No primeiro encontramos 15 entrevistas, todas gravadas em julho de 2007. São as chamadas histórias de vida, entrevistas de longa duração que tratam de aspectos abrangentes da história do indivíduo. Os entrevistados são pessoas com idade entre 40 e 65 anos na época das gravações. A maioria (09) das entrevistas é com trabalhadores com curso superior, prevalecendo Administração de Empresas. As outras 06 foram feitas com trabalhadores que possuem segundo grau ou ensino técnico. Neste material não aparecem questões. São textos organizados nos seguintes itens: identificação (filiação); formação (cursos); trajetória profissional (empregos); desafios; tecnologia; relacionamento; fatos marcantes; família; lições; avaliação do projeto memória. Os textos foram revisados, não apresentam sintomas de conversa coloquial, não possuem erros de pronúncia, nem indicação de emoções ou dúvidas. Cada um se apresenta como descrição de trajetória de vida, elaborada pelo depoente, com focos na atividade de trabalho e na empresa.

O segundo grupo é composto de 131 entrevistas com funcionários da empresa, que apresentam perfis variados. São chamadas Cabides, têm menor duração e temáticas mais acentuadas. O objetivo central do Museu da Pessoa, apóia-se no princípio de que “toda história de vida tem valor e deve fazer parte da memória social”. Propondo a ampliação da participação das pessoas na construção da memória social, os projetos de memória ligados às empresas buscam registrar a percepção que as pessoas têm de si mesmas, seus valores, suas vivências, através da gravação de entrevistas. No caso das entrevistas gravadas para o projeto ThyssenKrupp Bilsten Brasil a padronização dos textos do primeiro grupo, anteriormente assinalado, pode estar relacionada à relação entre história de vida de cada um com a noção de memória social, apresentada na “empatia” com a empresa (CARDOSO, 2010).

Esta relação de empatia entrelaça-se com os significados de “memórias” elaborados pelo projeto, mas de um modo diferenciado, já que não tentamos perceber os trabalhadores identificados com a empresa. Mesmo que a empresa trabalhe através de propagandas, programas sociais, imprensa interna, entre outros, uma imagem homogeneia de coesão entre os trabalhadores, percebemos a existência de tensões, conflitos e de outras dinâmicas, características das relações e dos embates de classes possíveis a esta nossa sociedade.

Interligando-se ao ano de 1957, a perspectiva dos entrevistadores e demais participantes das atividades de pesquisa do MUSEU DA PESSOA procuram atribuir memória e principalmente uma HISTÓRIA da empresa narrada por seus funcionários. Procuram uma coesão e um território comum e compartilhado entre trabalhadores (de diferentes localizações na escala de produção) e seus “superiores”.

Temos encontrado distinções e dimensões muito significativas nestes processos e nas elaborações de memórias, pois temos seguindo um procedimento metodológico distinto em relação às entrevistas e ao levantamento de materiais sobre os trabalhadores da ThyssenKrupp. Para exemplificar algumas perspectivas indicarei caminhos tomados na condução das entrevistas na cidade de Santa Luzia.

Em Santa Luzia o processo de implementação da ThyssenKrupp ocorreu de modo distinto daquele encontrado em Ibitité, pois a “planta” de Santa Luzia surgiu por intermédio de processos de privatização da empresa Forja Acesita, nos anos de 1990. Produzindo desde então peças para indústrias do setor automotivo (de acordo com os trabalhadores, para a FIAT, Volkswagen, a Ford, a GM, a Honda, ou seja, para “todas elas”).³

O fato de se constituir a partir de uma empresa estatal, com funcionários que viveram processos de trabalho e de formação profissionais distintos e profundas mudanças nestas relações, tem nos levado a colocar questionamentos sobre as dimensões que outras memórias (ou memórias que recompõe modos de trabalho e vivências anteriores) teriam nas disputas e enfrentamentos das lutas do presente, nas conjunturas de uma “empresa” que guarda dimensões e relações internacionais.

Neste ponto o contato com sindicato dos Metalúrgicos de Santa Luzia tem constituído importantes vertentes para o desenvolvimento da pesquisa. A partir de narrativas de diretores e líderes sindicais temos traçado problemáticas de investigação, atentando-nos para as reivindicações e relações entre sindicalistas e trabalhadores.

Neste processo algumas perspectivas têm se colocado como sinais de mudanças nas relações entre trabalhadores e sindicato, proeminentes das mudanças nas relações de trabalho: (a) o aumento da produção com a mesma “estrutura” constituída; (b) o surgimento e o aumento de doenças profissionais; (c) mudanças nas relações entre trabalhadores e chefia; (d) introdução de novos termos (tais como): “colaboradores”, “Just in time”; etc. nas relações de trabalho; (e) o rebaixamento e o desnível salarial

entre os trabalhadores; (f) mudanças em hábitos, entre eles, a quantidade e a qualidade dos alimentos servidos no refeitório; (g) perdas nas negociações do “acordo coletivo de trabalho”, visto como menor em termos de quantidade de itens quando comparados entre Forja Acesita e ThyssenKrupp; entre outros. Diante de tais indícios, das atitudes tomadas pelo viver, pelo trabalho, pela manutenção das famílias, ainda não temos elementos para apresentar interpretações aprofundadas, ou novas leituras no campo das memórias, das estratégias dos trabalhadores, de demais dimensões que uma pesquisa em história se coloca a fazer, por enquanto, são notas e problemas que trago aqui, na esperança de continuar este diálogo em outras instâncias e oportunidades.

Bibliografia

CARDOSO, H. H. P. (2010, Novembro) **História Empresarial no Projeto ThyssenKrupp Bilsten 40 anos**. Texto não publicado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

¹ Histórico ThyssenKrupp Bilstein Brasil Molas e Componentes de Suspensão Ltda. Disponível em www.tkbilstein.com.br, Acesso em 17/11/2010.

² BILSTEIN. Disponível em: www.bilstein.de/about-bilstein/history.html, Acesso em 17/11/2010

³ Entrevista realizada por Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais com os trabalhadores da Forjaria Acesita, incorporada pela ThyssenKrupp em 1995, na cidade de Santa Luzia – MG, Júlio César Martins e Danilo Almeida, em 10.02.10 (local Sede Sindicato dos Metalúrgicos).